



O DIÁRIO DE ANNE FRANK no contexto da

2ª Guerra Mundial

Introdução

Mais conhecida como Anne Frank, Anneliese Marie Frank nasceu em 12 de Junho de 1929, em Frankfurt, na Alemanha.

A Europa vivia ainda as complicações políticas decorrentes da I Guerra Mundial (1914-18), especialmente a Alemanha que passava por muitas dificuldades ligadas à crise económica mundial de 1929, para além das consequências decorrentes do Tratado de Versalhes que fora obrigada a assinar com as potências vencedoras desse conflito armado.

Em 1933, em eleições ganhas pelo partido Nacional Socialista, Adolf Hitler chega ao poder na Alemanha, aproveitando o forte descontentamento do povo alemão, mas também a inclinação anti-semita com que seduziu o eleitorado germânico. Edith e Otto Frank, os pais judeus de Anne, compreendem que o seu próprio futuro e o das filhas estaria em perigo e decidem sair da Alemanha, refugiando-se na Holanda nesse mesmo ano; Anne tinha então quatro anos. Durante sete anos levaram uma vida despreocupada na relativamente segura Holanda. Mas a 2ª Guerra Mundial já tinha começado e a Alemanha ocupa militarmente o país em 1940 quando invade a Holanda, pondo fim à segurança que oferecia.

As medidas anti-semitas passaram também a ser aplicadas nesse país ocupado e isso acabou por limitar cada vez mais a vida dos Frank. Para agravar a situação, em 1942, começaram as deportações para os chamados campos de concentração.

Sentindo o perigo, os pais de Anne conseguiram, juntamente com mais quatro pessoas, esconder-se num anexo de quartos por cima do escritório do seu pai, em Amesterdão, na Holanda, denominado *Anexo Secreto* da casa, onde permaneceram escondidos por dois anos.

Foi durante esse período que Anne Frank, já com treze anos de idade, conta no seu diário a vida deste grupo de pessoas.

1. O Diário de Anne Frank - resumo

O *Diário de Anne Frank* é um diário escrito por Anne Frank, entre 12 de junho de 1942 e 1 de agosto de 1944, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-45).

A narrativa é entusiasmante e traduz-se por uma forma de confiança com o diário no qual escrevia cartas à 'Querida Kitty', nome dado ao seu diário como se fosse uma amiga. (pp.22). Aí faz as suas observações, escreve os

seus pensamentos mais íntimos e refere o seu dia-a-dia. Escondida de tudo e de todos escreveu este Diário para “aliviar o coração”, como ela dizia (pp. 22).

Inicialmente confia a *Kitty* algumas opiniões sobre os seus colegas de escola. Mas a riqueza do *Diário* acaba por ser evidente a partir do momento em que teve de ir para um anexo com a sua família por cima do escritório onde seu pai trabalhava, contando com a ajuda de uma empregada, Miep, e do seu marido, Jan, os quais se tinham tornado grandes amigos dos Frank. É assim que começa por descrever a vida no anexo, as discussões, os dramas, o amor e a esperança.

No anexo, a vida tem de ser muito bem regulamentada pois tinham de ficar em silêncio quando os trabalhadores estavam no escritório e não podiam abrir torneiras ou ter água aberta até estarem sozinhos no prédio onde agora moravam (pp. 38-41). Ter de ficar calada o dia inteiro para alguém como Anne era difícil, especialmente pelo espírito alegre e ativo que revelava. Junto com a família Frank, vieram morar os Daan Van e seu filho Peter. Inicialmente Anne tem um mau relacionamento com Peter, a quem considera preguiçoso e tímido.

Também o relacionamento com a mãe e a irmã, Margot, não é o melhor, sendo possível notar que Anne tem alguma inveja da irmã, especialmente pela sua beleza e maneira de ser, situações habituais entre irmãs e que revelam a sua faceta adolescente. Mas o seu crescimento não estava a ser fácil. Achava que era culpada de tudo o que não corria bem, até porque ninguém criticava a irmã, coisa que Anne não conseguia suportar. A figura do pai era mais agradável, a quem amava profundamente.

Percorrendo mais o *Diário*, sentimos também que Anne é teimosa e muito crítica em relação aos outros ocupantes, especialmente a Sr^a Van Daan, notando-se essa animosidade, por exemplo, quando Anne parte a loiça dela e lhe causa profunda irritação com a sua falta de cuidado. Por tudo isso, às vezes Anne sente-se triste quando a mãe a repreende por a considerar difícil e desorganizada (pp. 52- 55, 63, 116, 136,137,163).

Nessas alturas, Anne fica profundamente inquieta e sente falta de sua vida no exterior, das suas amigas e claro, da liberdade de passear, ver as montras, ver o sol ...Enfim, está cansado de críticas e sente que vive numa prisão. Ana chama este período de *dias de melancolia*: período forçado a viver escondido na esperança de que não seja por muito tempo (pp. 99, 100, 434). Mas o toque do relógio da torre da Igreja devolve-lhe alguma esperança, lembrando que ainda havia vida no mundo lá fora.

Passado alguns meses juntou-se ao grupo Albert Dussel, um dentista com quem ela vai ter de dividir o quarto, passando a irmã a dormir com os pais. Com o tempo, vão ter muitas desavenças porque Anne quer o seu espaço e o Sr Dussel também (pp. 97, 101). Passam a ser oito os moradores do anexo.

Entre vários acontecimentos vulgares (aniversários, doenças, desavenças entre os ocupantes do anexo, tentativas de roubo e até a passagem do natal), a vida prossegue e Anne dá conta disso ao longo dos meses de 1943.

No *Diário* nota-se também que não esquece os acontecimentos do seu tempo, pois descreve a miséria da guerra, com a separação das famílias judaicas, crianças a pedirem um pedaço de pão pelas ruas; trabalho forçado de civis para as construções de defesa alemãs, bombardeamentos na sua zona e bombardeamentos das cidades alemãsTudo isso não deixa de entristecer a jovem Anne (pp.112, 125, 132, 138, 139, 142, 157, 160).

Entretanto, começa a notar-se uma alteração da imagem que Anne tinha de Peter. Começam-se a dar melhor e a aproximarem-se cada vez mais até que ... se apaixonam e começam a namorar. Anne até deixa de estudar, contente como estava com a descoberta desse sentimento (pp. 221, 253, 267).

A partir de 1944, Anne começa a fazer uma série de reflexões sobre as discussões que tinha com a mãe, o relacionamento com os van Daan, com Peter também, mostrando uma certa maturidade e desejando mudar o seu próprio comportamento (pp. 233,234). Ponto interessante dessa transformação são também as expressões e os diálogos relativos ao género masculino e feminino, numa conversa que antes era evitada e agora falada abertamente (pp. 218,129, 235-238, 300, 301, 311,379).

Mas a vida prossegue no anexo e as dificuldades aumentam com o desenrolar da guerra. Os abastecimentos alimentares por vezes escasseiam; outras vezes são as doenças que preocupam os moradores no anexo (pp. 291,294,298,330,367). Também o relacionamento com Peter começou a degradar-se e já não era o mesmo fruto do tempo que Anne dedicava ao seu Diário (pp. 307, 322).

As considerações políticas sobre a Guerra Mundial continuam a ser alvo de preocupação de Anne, que se levanta cedo para ouvir as notícias sobre o conflito e por vezes, ilude-se ao pensar que os Turcos vão entrar nela, ou que os ingleses vão começar a invadir a Europa, ou aborda mesmo as operações militares na Rússia e em Itália, inclusive o atentado a Hitler, em Julho de 1944 (pp. 88, 156, 157, 169, 245, 353, 410, 431).

Assim estamos quando o *Diário* deixou de ser escrito. Na manhã de 4 de Agosto de 1944, o anexo onde Anne os restantes ocupantes estavam foi invadido pela polícia holandesa e pelos S.S. alemães. Os oito residentes foram transferidos de uma prisão de Amesterdão para vários campos de concentração – onde a maioria acabou por morrer, seja de fome e exaustão, nas câmaras de gás, ou, no caso de Anne e da irmã, pela doença – tifo. O *Diário* terminara.

2. O Contexto da Obra – a 2ª Guerra Mundial.

No contexto sombrio do nazismo e da guerra, Anne viveu problemas e conflitos de uma qualquer adolescente. Por isso, neste livro, acompanhamos os sentimentos íntimos de Anne Frank.

No entanto, Anne registou admiravelmente a catástrofe que foi a Segunda Guerra Mundial. Este *diário* está entre os documentos mais duradouros produzidos neste século, mas é também uma narrativa terna e incomparável, que revela a força indestrutível do espírito humano. Neste contexto, a perseguição movida aos judeus assume um carácter importante pois sem ele não teríamos as impressões de quem viveu estes acontecimentos históricos.

Com efeito, a ascensão do nazismo e da sua ideologia fanática e destrutiva, encontrou nos judeus um meio de aplicação muito violento. Tudo começou quando os princípios centrais da ideologia nazi declararam a intenção de afastar os judeus da sociedade "ariana" e de revogar os seus direitos civis, políticos e legais.

Chegados ao poder, os líderes nazis cumpriram a promessa de perseguição aos judeus alemães. Durante os seis primeiros anos da ditadura nazi (de 1933 até o início da Guerra em 1939), os judeus sentiram os efeitos de mais de 400 decretos e regulamentações que restringiam todos os aspetos de sua vida pública e privada. Também as empresas e os negócios efetuados pelos judeus foram confiscadas e transitaram para alemães arianos. Era também proibido o casamento entre judeus e a arianos.

Além desta legislação discriminatória autorizada pelo governo central alemão, existiam também outras criadas por autoridades estaduais, regionais e municipais, as quais tinham como objetivo restringir e dificultar ainda mais a vida dos judeus.

A nível nacional, o governo nazi impediu o acesso dos judeus à educação, criando nas universidades e escolas públicas uma quota de apenas 1.5% para ingresso de estudantes "não-arianos". Outras leis impediam os judeus de trabalharem no setor público. No início de 1934 uma lei publicada acabou por proibir os atores com origens judaicas de atuarem no teatro ou no cinema. Sabe-se também que centenas de indivíduos em toda a Alemanha participavam na perseguição aos judeus, destruindo as suas lojas, ou atacando e matando judeus, como aconteceu durante a 'Noite de Cristal' em 1938, quando os judeus foram violentamente reprimidos por toda a Alemanha.

As *Leis de Nuremberga*, publicadas em 1935, anunciavam uma nova vaga de legislação antissemítica que criava uma segregação imediata e

concreta: pacientes judeus deixavam de ter acesso ou de serem aceitos em hospitais municipais. Por sua vez, os juizes nas cortes alemãs não podiam citar comentários legais ou opiniões de juristas judeus e os estudantes universitários judeus estavam impedidos de fazerem os seus exames de doutoramento.

Em 1937 e 1938, as autoridades alemãs iniciaram uma nova etapa na perseguição legislativa aos judeus, exigindo que os mesmos registassem os seus bens, numa campanha que visava empobrecê-los e impedir sua participação na economia alemã. Em 1937 e 1938, o governo proibiu os médicos judeus de tratarem pacientes não-judeus, e também revogou as licenças dos advogados, impedindo-os de trabalhar nas suas profissões.

Em 1939, nas vésperas de começar a 2ª guerra mundial, os judeus que permaneceram na Alemanha (talvez os mais pobres ou incapazes de emigrarem) estavam condenados a passar o resto dos seus dias nos famigerados campos de concentração, onde o desespero, a fome, a doença, os trabalhos forçados e mais tarde, o gás, acabaram por eliminar milhões de pessoas.

Entre essas vítimas acabou por estar Anneliese Marie Frank.

CONCLUSÃO

Aproximava-se o fim do conflito e talvez os moradores do anexo tivessem sido descuidados. Alguém se terá apercebido de que havia pessoas escondidas naquele prédio e contaram aos agentes de ocupação alemã na Holanda, que pagavam uma recompensa a quem denunciasse a existência de judeus. Em 4 de agosto de 1944, agentes da Gestapo detiveram todos os ocupantes que estavam escondidos em Amsterdão. Separam Anne de seus pais e levaram-nos para os campos de concentração.

Inicialmente foi levada juntamente com a família para Westerkerk, na Holanda, antes de serem deportados para o leste da Europa. Anne Frank foi inicialmente para Auschwitz, juntamente com os pais, irmã e as outras pessoas com quem se refugiava na casa de Amesterdão (hoje casa-museu). Posteriormente foi transferida para o campo de Bergen Belsen (Alemanha – Baixa Saxónia), juntamente com a irmã, separando-a dos pais. Ali, milhares de pessoas morriam diariamente devido a maus tratos, fome e sobretudo das doenças.

Em 1945, nove meses após a sua deportação, Anne Frank foi infetada pelo vírus da febre tifoide e não resistiu à doença, falecendo no campo de concentração de Bergen Belsen (Alemanha). Margot Frank, a irmã, tinha falecido um dia antes, vítima da fome e do mesmo vírus. Anne tinha quinze

anos. As duas morrem duas semanas antes do campo ser libertado pelo exército norte-americano no decurso da 2ª Guerra Mundial.

Otto, o pai, foi o único dos escondidos que sobreviveu no campo de concentração. Tendo tido acesso ao diário da filha compreendeu que a memória do que aconteceu não podia ser perdida e em 1947 decidiu publicar o diário. Atualmente, o diário encontra-se no *Instituto Holandês para a Documentação da Guerra*. O *Fundo Anne Frank* (na Suíça) ficou como herdeiro dos direitos da obra de Anne Frank. O pai, Otto Heinrich Frank, faleceu em 1980.

Obra pungente, nem por isso deixou de ter os seus críticos, especialmente os que viam na obra uma propaganda dos judeus face ao seu martírio. Para outros, a obra teria sido forjada, como foi defendido pelo francês Robert Faurisson (autor de *Le Journal d'Anne Frank est-il authentique?*, de 1980). Perante as dúvidas, o Instituto para Documentação de Guerra ordenou uma investigação total. Assim que foi dado como autêntico, sem qualquer sombra de dúvida, o diário foi publicado na sua totalidade, juntamente com os resultados de um estudo exaustivo, artigos sobre o passado da família Frank, as circunstâncias relativas à sua prisão e deportação e o exame da caligrafia de Anne, do documento e dos materiais usados.

As alegações segundo as quais diversas páginas do diário teriam sido escritas (após a guerra ou não) por outra(s) pessoa(s), encontraram assim uma refutação decisiva.

O diário permanece assim como um exemplo do que foi a tirania nazi nos anos 30/40, mas revela também como devem ser notadas as diferenças raciais, culturais ou mesmo religiosas. Por isso, ler este livro é entrar num mundo particular, mas meditar nele enobrece quem o compreende.

BIBLIOGRAFIA

Livros:

Anne Frank (2008). *O diário de Anne Frank*. Lisboa: Livros do Brasil.

Oliveira, Ana et. Alt. (2013). *História 9*. Lisboa: Texto editora.

Judt, Tony (20013). *História da 2ª Guerra Mundial*. Lisboa: Edições 70.

Poole, Josephine; Barret, Angela (2005). *Anne Frank*. Lisboa: Terramar.

Sites consultados:

<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005681>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%A1rio_de_Anne_Frank

http://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Guerra_Mundial